

ALFABETIZAÇÃO PÓS COVID-19: IMPACTOS E REFLEXOS PARA ALUNOS E PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE PALMAS/TO

LITERACY POST COVID-19: IMPACTS AND REFLEXES FOR STUDENTS AND TEACHERS AT A PUBLIC SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF PALMAS/TO

Dorivan Vieira Bezerra

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins
E-mail: dorivanvieira2021@gmail.com

Amanda Pereira Costa

Mestra em Educação (UFT)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1578887156912042>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4116-4613>
E-mail: amanda.pc@unitins.br

Mariany Almeida Montino

Doutora e Mestre em Educação (UNICAMP)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8277-0644>
E-mail: mariany.am@unitins.br

Janaína Senem

Mestra em Linguística (UFSC)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2907374226996446>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1551-0172>
E-mail: janaina.s@unitins.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo trazer uma discussão sobre o processo de alfabetização sob o prisma pós-pandêmico. No âmbito escolar, muitos estudantes no Brasil foram deixados à margem do sistema educacional, em grande parte devido à impossibilidade de acessar bens culturais que são produzidos e desfrutados por poucos privilegiados. Os processos de escolarização passaram por desafios significativos devido à pandemia de Covid-19. Entre estes desafios, observa-se o impacto negativo no processo de alfabetização de crianças pequenas nos primeiros anos de escolaridade. A tarefa de alfabetizar e usar tecnologias digitais tornou-se um obstáculo da noite para o dia para escolas, professores, pais ou responsáveis e, mais importante, para as próprias crianças. Estes obstáculos deveriam-se às dificuldades de domínio da tecnologia, aos encargos financeiros impostos às famílias para terem acesso às redes sociais e aos desafios de obtenção dos equipamentos necessários para participar no processo de escolarização online que continuou durante dois anos durante a pandemia. A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza básica, do tipo descritiva, com abordagem qualitativa, que visa compreender o cenário da alfabetização pós-pandemia, levando em consideração as práticas pedagógicas, com foco na recuperação das lacunas de aprendizagem, no uso adequado das tecnologias educacionais, na promoção de ambientes de leitura e escrita mais interativos e na revalorização das interações presenciais.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Ensino e aprendizagem. Pandemia Covid-19.

Abstract: The present work aims to bring a discussion about the literacy process from a post-pandemic perspective. At the school level, many students in Brazil have been left on the margins of the educational system, largely due to the impossibility of accessing cultural goods that are produced and enjoyed by a privileged few. Schooling processes have experienced significant challenges due to the Covid-19 pandemic. Among these challenges, we can observe the negative impact on the literacy process of young children in the first years of schooling. The task of literacy and using digital technologies became an obstacle overnight for schools, teachers, parents or guardians and, most importantly, for the children themselves. These obstacles were due to difficulties in mastering technology, the financial burden imposed on families to access social networks and the challenges of obtaining the necessary equipment to participate in the online schooling process that continued for two years during the pandemic. The methodology adopted in this research is basic in nature, descriptive, with a qualitative approach, which aims to understand the post-pandemic literacy scenario, taking into account pedagogical practices, with a focus on recovering learning gaps, using adequate use of educational technologies, promoting more interactive reading and writing environments and revaluing face-to-face interactions.

Keywords: Literacy. Teaching-learning. Covid-19 pandemic.

Introdução

A pandemia Covid-19 apresentou imensos desafios à experiência humana, com efeitos de longo alcance nos aspectos sociais, culturais, econômicos, emocionais e educacionais da vida cotidiana. O vírus representou um obstáculo significativo às nossas convenções sociais, obrigando a adoção de medidas de proteção, como o isolamento e procedimentos rigorosos de saneamento (Gatti, 2020). Essa situação fez ampliar e expor as desigualdades sociais profundamente enraizadas na sociedade brasileira.

No âmbito escolar, os modelos de ensino remoto e/ou *on-line* provocados pela pandemia evidenciaram a realidade do acesso limitado das crianças da classe trabalhadora aos produtos tecnológicos contemporâneos. Além disso, a própria rede educacional, assim como as escolas, mostraram não possuir infraestrutura mínima e condições materiais concretas para implementar cursos dessa modalidade de ensino. Diante disso, muitos alunos das escolas públicas apresentaram grande dificuldade de evoluir em seu processo de ensino e aprendizagem.

Os processos de escolarização passaram por desafios significativos devido à pandemia Covid-19, entre eles, a alfabetização de crianças pequenas nos anos iniciais de escolaridade. A tarefa de alfabetizar por meio de tecnologias digitais representou um obstáculo para professores, pais ou responsáveis e, principalmente, para os próprios alunos. Estes obstáculos deveram-se às dificuldades de domínio da tecnologia, aos encargos financeiros impostos às famílias para terem acesso às redes sociais e aos desafios de obtenção dos equipamentos necessários para participar no processo de escolarização *on-line* que vigorou por dois anos durante a pandemia.

Durante o período pandêmico as escolas se viram obrigadas a adotar a metodologia de educação a distância. Para Przylepa (2023), tal metodologia, apontou alguns déficits no processo de ensino e aprendizagem, tais como: a formação inadequada de professores na utilização das tecnologias digitais e potenciais reveses no desenvolvimento da alfabetização dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que os métodos de ensino para esta faixa etária podem não ser propícios à aprendizagem a distância, exacerbando ainda mais a vulnerabilidade vivida por muitos indivíduos na sociedade atual.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar os impactos e reflexos pós-pandemia no processo de alfabetização dos alunos de uma Escola de Tempo Integral, localizada na cidade de Palmas, Estado do Tocantins. A pesquisa se baseia no entendimento de que analisar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita durante os anos de formação da criança é fundamental para pensar formas de combater o analfabetismo funcional, além do que, buscar compreender os impactos no processo de alfabetização no pós-pandemia é necessário considerando os desafios impostos pela Covid-19 e a necessidade de promover ações para reverter esse saldo negativo.

Em relação à estruturação do artigo, o mesmo se encontra dividido em três partes. A primeira trata da alfabetização, os métodos utilizados ao longo do processo de escolarização, bem como os estudos realizados nas últimas décadas e uma breve conceitualização acerca da Psicogênese da língua escrita. Na segunda parte trazemos o conceito do que foi a Pandemia Covid-19 e alguns de seus impactos na educação. Por fim, a terceira parte apresenta os resultados obtidos pela pesquisa de campo sobre os impactos e reflexos causados pela pandemia no processo de alfabetização da escola participante.

Metodologia

Em relação à metodologia, esta pesquisa é de natureza básica, do tipo descritiva com abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, sendo os dados coletados pela aplicação de questionário de perguntas abertas. Segundo Severino (2008), na pesquisa bibliográfica o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos, já “a pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para qual se procura uma resposta” (Marconi e Lakatos, 2003, p.186). E Minayo (2014) destaca que a pesquisa qualitativa busca tratar o nível de realidade que não pode ser quantificado, evidenciando o universo de significados, motivações,

valores e atitudes que envolvem o objeto de estudo.

Durante a pesquisa bibliográfica estudou-se as obras que abordam os conceitos chave da pesquisa, como as produções de Ardito (2016); Barbosa (1994); Ferreira (2011); Przylepa (2023), Soares (2016), entre outros. Já a pesquisa de campo foi realizada em uma Escola de Tempo Integral do município de Palmas - TO, por meio de aplicação de questionário de dez perguntas abertas direcionadas aos professores da escola. A estrutura de um questionário, conforme Kuniavsky (2003), envolve um conjunto de perguntas organizadas de maneira a maximizar a obtenção de dados relevantes e precisos. Quando bem projetado, ele consegue captar nuances das preferências e interesses do público-alvo, que são valiosas para orientar o desenvolvimento e aprimoramento da problemática pesquisada.

Os questionários foram aplicados através do google forms, para professores de 1º ao 5º ano. Foram respondidos o total de 11 questionários, sendo 7 professores do 1º e 2º ano e 4 professores do 3º ao 5º ano. Para resguardar a identidade dos professores, os mesmos serão numerados em suas falas no corpo do texto de acordo com a turma que leciona.

Cabe destacar que esta pesquisa teve o cuidado de não ocasionar nenhum problema de qualquer natureza aos sujeitos participantes, sendo guardadas as normas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos estabelecidos na Resolução CNS n. 510/2016, garantindo sigilo, privacidade e confidencialidade.

Para o tratamento dos dados foram utilizadas as contribuições da Análise de Conteúdo (Bardin, 2009), por se tratar de uma abordagem metodológica adequada à interpretação de dados qualitativos, permitindo identificar categorias e padrões nas falas das professoras sobre os impactos do ensino remoto no processo de alfabetização e letramento.

Desenvolvimento, Resultados e Discussão

O processo de alfabetização e letramento

A comunicação é essencial para a interação social, a aquisição de informações e produção de conhecimentos, a troca de experiências e a compreensão de si mesmo e dos outros. Quando somos bebês nos comunicamos por meio de gestos e sons e à medida que crescemos vamos ampliando nosso vocabulário, primeiro informalmente com a ajuda de familiares e à medida que entramos na vida escolar encontramos o apoio dos professores nesse processo. Soares (2016) aponta que:

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (Soares, 2016, p.17).

Conforme a Unesco (2003), a alfabetização é o processo pelo qual um indivíduo compreende a gramática e suas variações, desenvolve a capacidade de ler, compreender e escrever textos, assim tornando-se capaz de criticar, interpretar e produzir conhecimento. Segundo Soares (2016), o termo letramento surgiu na década de 1980, em um momento de mudanças culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que trouxeram novos desafios para a cidadania e a participação plena na sociedade. Para a autora, o letramento vai além da simples decodificação de letras e palavras — foco principal da alfabetização tradicional. Refere-se ao uso da leitura e escrita em práticas sociais reais, sendo uma habilidade essencial para compreender, interpretar e interagir de forma crítica com o mundo. Assim, enquanto a alfabetização é o processo de aprender a ler e escrever, o letramento abrange a aplicação dessas habilidades na vida cotidiana e nas relações sociais, tornando-se uma condição fundamental para a inserção e atuação cidadã.

De acordo com Soares (2016), o letramento implica o uso da escrita como ferramenta para se orientar e atuar no mundo, seja por meio de mapas, sinais de trânsito, instruções ou qualquer

outra forma que auxilie a pessoa a não se perder e a interagir com a realidade de forma funcional e consciente. Essa definição destaca a necessidade de integrar o conhecimento das letras com contextos reais de leitura e escrita, onde ler e escrever sejam atividades com propósito essencial para que o letramento seja significativo. O ensino deve, então, ser um processo de ‘alfabetização letrada’ — no qual a criança não só aprende a decodificar, mas também compreende como usar a leitura e a escrita no dia a dia, desenvolvendo habilidades para se comunicar e interpretar o mundo ao seu redor.

Métodos de alfabetização

Ao falar de alfabetização, torna-se necessário descrever alguns métodos que foram se construindo historicamente, passando por diversas adaptações experienciadas e propostas por diversos educadores. Os métodos mais utilizados nas escolas, atualmente, são o tradicional que abrange os métodos sintético, analítico e sintético-analítico, e a proposta construtivista.

Conforme Ardito (2016), o método tradicional de aprendizagem tem o professor como disseminador do conhecimento e os alunos são os destinatários, que procuram memorizar o conteúdo repetidamente ensinado. Para isso, as cartilhas ou apostilas são amplamente utilizadas e o estudo é dividido em partes: a primeira é o estudo das vogais, a segunda o estudo das sílabas e, por fim, adentra-se o mundo das palavras para criar pequenos textos.

O método sintético é dividido em três tipos: o alfabético, o fônico e o silábico. Ele faz conexões entre o falado e o escrito, os sons e a grafia, para que o aluno possa aprender letra por letra, sílaba por sílaba e palavra por palavra. Nesse método, alunos e professores utilizam cartilhas e o aprendizado é mecânico, ou seja, o aluno primeiro lê o texto, decifra as palavras e depois lê novamente para compreender as palavras. O método analítico compreende a leitura como um comportamento audiovisual global, por isso é denominado “método de visualização”. O mesmo pode ser dividido em palavração, sentençação ou global.

A Palavração enfatiza o ensino da leitura e escrita através das palavras inteiras. A criança aprende as palavras como unidades de significado, antes de entender letras e fonemas separadamente, o que visa facilitar a identificação de palavras e conceitos familiares no início do processo de alfabetização. A Sentençação trabalha com a unidade da frase ou sentença. A criança é exposta a frases completas e aprende a identificar as estruturas e o significado que elas carregam. A ideia é que as crianças compreendam a função comunicativa da língua ao se depararem com contextos mais amplos, ao invés de apenas palavras isoladas. Já no método Global a leitura e escrita são estudadas em contextos mais complexos, seja por meio de histórias, poemas ou pequenos textos. O método integra palavras, frases e contexto, procurando fazer com que a criança desenvolva sua habilidade de leitura em um ambiente próximo da linguagem que usa no cotidiano.

Quando se refere às metodologias tradicionais de alfabetização, Barbosa (1994) nos conta que, de fato, elas realmente alfabetizam, o que não quer dizer que produzam leitores competentes. De acordo com o autor, grande parte dos alunos fracassa no seu processo de alfabetização por conta das pedagogias tradicionais que não conseguem alcançar e respeitar o nível de aprendizagem das crianças.

O ensino da leitura e da escrita na metodologia tradicional, tem como marco referencial teórico as contribuições da Psicologia Associacionista que foca o trabalho de ensino e aprendizagem no método, pois segundo ela, a criança aprende no processo mecânico de memorização. A ênfase do processo é colocada no treino da percepção auditivo-visual e das habilidades motoras.

Os estudos sobre Alfabetização e a Psicogênese da Língua Escrita

As investigações sobre a alfabetização foram evoluindo do enfoque mecanicista da Psicologia Associacionista, que identifica métodos de ensino com processos de aprendizagem, para a Psicologia Genética de Jean Piaget (1994). Esta abordagem estabelece uma distinção clara entre método de ensino e processo de aprendizagem, o que equivale dizer que não é porque o professor

está ensinando, que o aluno esteja, necessariamente, aprendendo. Os estudos de Piaget revelam que, para aprender, os alunos mobilizam estruturas cognitivas e, portanto, os novos conhecimentos que lhe são apresentados necessitam ser assimilados por estas estruturas.

Alinhado a essa perspectiva, as contribuições de Lev Vygotsky (2001) sobre a Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Proximal também apontam para a necessidade de atenção aos processos de aprendizagem dos alunos, para além das estratégias de ensino dos professores. Toda criança tem em si um acúmulo de conhecimentos que são organizados no decorrer de sua vida, por meio das suas vivências sociais e culturais, e que vão formando a sua estrutura cognitiva e o seu conhecimento de mundo. Assim, a aprendizagem deixa de ser vista como uma educação mecânica, e passa a ser considerada uma atividade cognitiva, centrada na construção dos conhecimentos. Enquanto nas teorias associacionistas o sujeito da aprendizagem é um sujeito passivo, que recebe o ensino e memoriza, na abordagem cognitiva é um sujeito ativo que age sobre o conhecimento, apropriando-se do objeto a ser aprendido.

No mundo contemporâneo, diversas investigações têm se voltado para os processos de leitura e escrita. Dentre elas, destacam-se os estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita, desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a partir de 1974, com base nas teorias do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. Essas pesquisas trouxeram uma nova perspectiva para o campo da alfabetização ao evidenciar que as crianças, mesmo antes da escolarização formal, já constroem hipóteses sobre a linguagem escrita. Por meio de suas escritas espontâneas, elas demonstram tentativas de compreender e representar a complexidade do sistema de escrita, revelando um processo ativo de construção do conhecimento. Esse olhar valoriza o papel do aluno como sujeito pensante, e não apenas como receptor passivo de conteúdos prontos.

Para a Psicogênese a criança é um sujeito que constrói ativamente o seu saber, apoiada nos conhecimentos estruturados de um esquema de assimilação, e não um ser passivo que recebe conhecimentos prontos. Como resultado fica claro a distinção entre método de ensino de alfabetização e a aprendizagem da criança, conforme a assimilação do objeto de conhecimento, no caso a escrita. Dessa maneira a língua escrita deixa de ser percebida como um código e passa a ser concebida como um sistema de representação dos sons, da linguagem. Dentro dessa perspectiva a escrita é vista como um processo de construção onde a tarefa da criança na alfabetização é superar hipóteses precárias e chegar a compreender como a linguagem está usualmente representada na escrita.

Segundo Ferreiro (2011), a escrita tem duas formas muito diferentes de ser concebida, podendo ser considerada como representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

Se for concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita for concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual. (2011, p.19)

Sendo compreendida como um sistema de representação, podemos conceber a escrita dentro de uma proposta de Letramento que, segundo Soares (2016), significa dizer do indivíduo que se apropriou, de fato, da escrita e de suas práticas sociais, sendo capaz de lidar com os diferentes portadores de texto, de compreender e analisar o que lê, ou seja, um sujeito leitor, capaz de lidar com a escrita em suas práticas reais. Para Emilia Ferreiro (2011), a criança (ou indivíduo adulto) passa por processos (níveis) de alfabetização, os quais ela descreve da seguinte maneira:

- Pré-silábico: a criança ainda não sabe que a escrita representa a fala, podendo, portanto, ser representada por desenhos, garatujas, bolinhas, rabiscos, letras e números.
- Silábico: a criança descobre que a escrita representa a fala, e passa a atribuir uma letra para cada sílaba, ou seja, para cada som que ela identifica ao pronunciar a palavra. O nível silábico é subdividido em duas hipóteses:
- Silábico sem valor sonoro: a criança já sabe quantos pedaços (sílabas) tem a palavra, mas ainda não relaciona o som ao formato das letras, sendo assim escreve qualquer letra

para representar a sílaba. Ex: CACHORRO = FSN, sendo F (para “CA”) S (para “CHOR”) N (para “RO”).

- Silábico com valor sonoro: a criança já sabe quantos pedaços (sílabas) tem a palavra. Ainda atribui uma única letra para o som de cada sílaba, mas já reconhece as letras que representam cada som, portanto escreve uma consoante ou vogal para representar cada sílaba. Ex: CAVALO = CAO, sendo C (para “CA”) A (para “VA”) e O (para “LO”). ou CACHORRO = KXO, sendo K (para “CA”) X (para “CHOR”) e O (para “RO”).
- Silábico-Alfabético: caracteriza-se pela passagem da hipótese silábica para a alfabética, representando um conflito entre as duas fases, pois a criança já entende que a sílaba é escrita com mais de uma letra, e acrescenta letras principalmente na primeira sílaba, escrevendo uma sílaba ora com duas letras, ora com apenas uma. Ex: TOMATE = TOAT.
- Alfabético: a criança já é capaz de compreender que as sílabas são formadas por duas ou mais letras, mas ainda não conhece a ortografia correta da língua portuguesa, e por esse motivo troca algumas letras que possuem sons semelhantes. Ex: CACHORRO = CAXORO, DINOSSAURO = DINOÇARO.
- Ortográfico: fase em que a criança já reconhece a ortografia das palavras e escreve convencionalmente. Ex: CACHORRO.

Pandemia versus Alfabetização: mapeamento da produção científica

Em onze de março de 2020, uma pandemia desencadeada pelo novo coronavírus foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), devido à rápida disseminação geográfica da doença. Para mitigar os riscos, medidas de distanciamento social foram implementadas. Consequentemente, instituições educacionais, públicas e privadas, ao redor do mundo suspenderam suas operações em um esforço para conter a disseminação do vírus. Isso levou a uma necessidade crítica de reavaliação das abordagens de ensino e aprendizagem, pois as redes educacionais foram obrigadas a adotar novas práticas. Entre elas, a Educação Remota Emergencial (ERE), sancionada pelo Ministério da Educação (MEC), que visava substituir as aulas presenciais tradicionais por instruções mediadas por tecnologia digital para minimizar os contratempos educacionais resultantes do fechamento das escolas.

A seguir, apresentamos uma breve revisão bibliográfica de estudos realizados no Brasil, nos últimos anos, acerca dos impactos e reflexos causados pelo contexto pandêmico no processo de alfabetização dos alunos.

O trabalho de conclusão de curso intitulado “Alfabetização em tempos de pandemia: desafios e possibilidades”, foi apresentado na Universidade Federal de Uberlândia pela acadêmica Kyara Karolyne Ferreira da Silva do curso de Pedagogia, e teve como objetivo analisar os desafios do processo de alfabetização durante a pandemia. A pesquisa mostrou os esforços da comunidade escolar participante em repensar práticas e metodologias de ensino para alcançar os alunos distanciados do espaço físico e tornar a escola presente mesmo à distância, prevenindo ao máximo os efeitos negativos do período de quarentena por meio do diálogo e de uma prática construtivista.

A pesquisa intitulada “Impactos da pandemia na alfabetização: intersecções entre desigualdades sociais e desigualdades educacionais” desenvolvida por Rafaela Maria Silva em seu trabalho de conclusão de curso da Universidade de Brasília, teve como objetivo analisar como a pandemia impactou no primeiro ciclo da alfabetização dos alunos, ou seja, do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. A análise considerou entrevistas com duas professoras alfabetizadoras em dois contextos distintos: (I) alfabetização em sala de aula de escola pública e (II) alfabetização em sala de aula de escola privada. As duas escolas selecionadas ficam situadas nos bairros Guará 1 e Ceilândia, ambas em Brasília/DF. A pesquisa mostrou que, diante do cenário pandêmico, professores e crianças tiveram que se readaptar ao novo método de ensino e encontrar possíveis soluções para atender às suas demandas educacionais. E constatou que, com a pandemia, os alunos com menores privilégios socioeconômicos e as crianças pretas e pardas foram as que mais apresentaram dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.

O relato de experiência intitulado “Práticas de Letramento Pós-Pandemia: Relato de

Intervenções” das pesquisadoras Jennifer Guimarães Praxedes, Cristiane Delfino Machado dos Santos e Roberta Negrão de Araújo, buscou analisar como ocorreu o letramento nos anos iniciais após a pandemia e os esforços da equipe escolar na recuperação das aprendizagens dos alunos. A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública do norte do Paraná com alunos do 2º ano, com idades entre 7 e 9 anos, sendo que um deles necessita de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os resultados mostraram que as intervenções realizadas conseguiram promover o avanço nas aprendizagens dos alunos em um curto período, minimizando as defasagens identificadas no início do ano letivo. Apontam a importância das intervenções serem realizadas conforme as necessidades específicas dos alunos e seu nível de dificuldades sendo aplicadas de forma individualizada. Mostrou ainda a eficiência das aulas atrativas com atividades lúdicas que despertam o interesse dos alunos, além de um bom plano de aula, com objetivos coerentes com a realidade da turma. Por fim, as pesquisadoras reiteram sobre a necessidade permanente de formação continuada dos professores.

O trabalho de conclusão de curso de Kaline Martins Pessoa, intitulado “O impacto da pandemia nas práticas de alfabetização e letramento do primeiro ano do ensino fundamental: um estudo de caso”, da Universidade Federal da Paraíba, buscou analisar os efeitos das tecnologias na mediação do processo de alfabetização e letramento de uma turma de 1º ano de uma escola pública localizada no município de João Pessoa, durante o ano de 2020. Uma revisão sistemática da literatura e um estudo de caso derivado de uma experiência de estágio na escola formaram a base metodológica da pesquisa. Os resultados revelaram que a pandemia do novo coronavírus teve um impacto substancial tanto na jornada educacional dos alunos quanto no desenvolvimento profissional dos professores. Quanto aos desafios do trabalho no formato de ensino remoto, verificou-se a dificuldade de muitos em relação à compreensão da dinâmica dos ambientes virtuais, o acesso precário a equipamentos tecnológicos e à internet, bem como, dificuldades no controle emocional para o trabalho em ambiente inadequado à prática docente, além dos problemas de saúde causados pelo isolamento. Apesar disso, na visão da pesquisadora, não se pode negar que o ensino remoto apresentou algumas possibilidades de trabalho e estudo que beneficiaram o processo de ensino e aprendizagem. Ressalta como pontos positivos extraídos do contexto pandêmico, a flexibilidade de horários, a economia de dinheiro e de tempo pela ausência de deslocamentos, a organização de novas sequências didáticas de ensino, bem como a utilização de um acervo digital educacional imenso, que se tornou disponível em pouco tempo. A pesquisadora ressalta que a pandemia evidenciou de forma ainda mais clara a profunda desigualdade existente entre os sistemas de ensino público e privado, especialmente no que diz respeito à infraestrutura. Além disso, ela destaca a relevância do suporte e da formação continuada dos docentes, apontando a urgência de se superar uma visão meramente instrumental das tecnologias digitais na educação. Em sua análise, conclui que, no que se refere à prática de alfabetização e letramento em ambiente remoto, não é possível realizá-la de forma eficaz com crianças pequenas apenas por meio das tecnologias digitais, sem a mediação direta de profissionais da educação e a garantia de acesso a recursos tecnológicos adequados.

O trabalho de conclusão de curso intitulado “Impactos no processo de ensino remoto da alfabetização e letramento escolar durante a pandemia Covid-19” apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco pela acadêmica Maria Jardiane dos Santos Silva, teve como objetivo, analisar os efeitos do ensino remoto no processo de alfabetização escolar durante a pandemia da Covid-19 em 2020 e 2021, especificamente sob a ótica de educadores dos anos iniciais do município de Camocim de São Félix/PE. A pesquisa investigou os impactos do ensino remoto, durante a pandemia, no processo de alfabetização e letramento, a partir do olhar de quatro professoras. Os dados revelaram que, especialmente nos 1º e 2º anos, muitas crianças não avançaram na aprendizagem devido à dificuldade de adaptação ao ensino em casa, à divisão de responsabilidades com os familiares e à ausência de estrutura adequada. Segundo as participantes da pesquisa, uma parcela significativa dos alunos não participou das aulas remotas por quase um ano e meio, retornando às aulas presenciais híbridas sem progresso no processo de alfabetização. Fatores como a falta de internet, dispositivos, acompanhamento pedagógico e o despreparo dos responsáveis dificultaram ainda mais esse cenário. A pesquisadora concluiu que professores, estudantes e famílias foram amplamente prejudicados pelos efeitos negativos do ensino remoto,

que se sobrepuseram aos possíveis benefícios durante a pandemia de Covid-19.

Por fim, as escritoras Raimunda Alves Melo e Elvira Cristina Martins Tassoni em seu artigo “Desafios de alfabetizadoras no pós-pandemia”, trouxe como objetivo análise dos desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores no período pós-pandemia por meio de pesquisa de campo com abordagem qualitativa, utilizando grupos focais compostos por três professores da rede pública de ensino de Campinas/SP. Os resultados sugerem que as atividades de ensino não presenciais durante a pandemia não chegaram a todos os alunos ou não chegaram à maioria dos alunos de forma satisfatória, causando dificuldades de alfabetização – razão pela qual são necessárias ações para restaurar a aprendizagem, o apoio emocional e a saúde mental para alunos e professores. As pesquisadoras destacam que assegurar a alfabetização no período pós-pandemia representa um grande desafio para as comunidades escolares e exige prioridade na agenda política, investimentos públicos consistentes e ações contínuas que garantam o direito dos alunos à educação. A desigualdade social deve ser considerada um critério fundamental na análise da realidade educacional, orientando o desenvolvimento de políticas e estratégias de ensino capazes de enfrentar as defasagens de aprendizagem e construir novas perspectivas educacionais, sobretudo para os estudantes em situação de maior vulnerabilidade.

Resultados da Pesquisa de Campo

A pandemia de Covid-19 trouxe desafios sem precedentes para o sistema educacional em todo o mundo, e o Brasil não foi exceção. O presente estudo, que analisa os impactos da pandemia no processo de alfabetização de alunos da rede pública em Palmas, Tocantins, revela uma série de questões críticas que merecem ser discutidas em profundidade. A análise a seguir se baseia nas respostas dos educadores coletadas por meio do questionário de perguntas abertas, bem como na literatura revisada, para explorar os efeitos da pandemia na alfabetização e as possíveis estratégias para mitigar esses impactos.

Os questionários foram aplicados por meio da plataforma Google Forms, direcionados aos docentes que atuam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Ao todo, foram obtidas 11 respostas, sendo 7 provenientes de professores que lecionam no 1º e 2º anos, e 4 de docentes do 3º ao 5º anos. Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, suas declarações serão identificadas numericamente ao longo do texto, conforme a série em que atuam.

Para facilitar a compreensão e a análise dos dados, os questionários foram organizados em dois grupos: **Elemento 1**, correspondente aos questionários aplicados aos professores do 1º e 2º ano, e **Elemento 2**, referente aos questionários aplicados aos professores do 3º ao 5º ano.

No âmbito de cada elemento, as questões foram subdivididas em três categorias analíticas:

- **Categoria 1** – Dificuldades enfrentadas;
- **Categoria 2** – Prejuízos observados no processo de ensino-aprendizagem;
- **Categoria 3** – Estratégias e percepções sobre a recuperação das aprendizagens.

A organização dos dados pode ser visualizada a seguir, no detalhamento das categorias conforme os elementos analisados.

Elemento 1. Questionário professores de 1º e 2º ano

Categoria 1.1 Dificuldades

Pergunta/ Respostas	1. Durante a pandemia você teve dificuldades em trabalhar o processo de alfabetização dos seus alunos? Se sim, quais?
PROF.1	Sim. Porque nem todos os estudantes, tinham a condição e nem acesso às tecnologias para estarem acompanhando e participando das aulas remotas, assim ouviu muita regressão na alfabetização.
PROF.2	Sim, porque o aluno não estava presente, apenas alguns que participavam das vídeo-aulas.

PROF.3	Sim. O fato de não ser presencial. Nem os professores, muito menos as crianças tinham recursos necessários para uma educação/ alfabetização a distância.
PROF.4	Eu não trabalhei como alfabetizadora, era monitora mais vi muitas dificuldades dos meus colegas nesse processo, devido à distância.
PROF.5	Sim, pois os alunos não tinham acesso aos recursos necessários para o ensino remoto, principalmente ao uso do computador e internet de qualidade.
PROF.6	Não respondeu.
PROF.7	Não trabalhei durante a pandemia.
Pergunta/ Respostas	2. Durante a pandemia, quais condições os alunos tiveram para estudar e participar das aulas no que se refere ao acompanhamento da família e o acesso às tecnologias digitais e à internet?
PROF.1	Celular.
PROF.2	Celular.
PROF.3	Celular.
PROF.4	Celular.
PROF.5	Computador.
PROF.6	Não respondeu.
PROF.7	Não respondeu.

Categoria 1.2 Prejuízos

Pergunta/ Respostas	3. É provável que a pandemia tenha prejudicado os alunos que estavam em fase de alfabetização?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Sim.
PROF.5	Sim.
PROF.6	Não respondeu
PROF.7	Não respondeu
Pergunta/ Respostas	4. Se a resposta anterior, foi sim, como você percebeu isso?
PROF.1	Primeiramente, porque sabemos que nem todos esses alunos tinham os meios tecnológicos para estar acompanhando as aulas, e exatamente por isso afetou bastante esses estudantes, causando as regressões.
PROF.2	Prejudicou porque a criança tinha necessidade de um acompanhamento próximo ao educador.
PROF.3	O processo de alfabetização já é muito difícil com aulas presenciais, a criança precisaria ser autodidata para isso.
PROF.4	Ao retorno para a escola presencial, o prejuízo de aprendizagem foi notório.
PROF.5	Houve uma grande desigualdade pois muitos não tinham recursos para ter acesso a tecnologias, não tinha o auxílio familiar em casa, pois muitos pais estavam sempre trabalhando e não conseguiam acompanhar o ensino remoto escolar, sendo assim foram muito prejudicados, pois não conseguiram ser alfabetizados no tempo esperado.
PROF.6	Não respondeu.

PROF.7	Não respondeu.
---------------	----------------

Categoria 1.3 A recuperação das aprendizagens

Pergunta/ Respostas	5. Foi possível fazer um acompanhamento dos alunos que tiveram dificuldades no processo de alfabetização durante a pandemia?
PROF.1	No meu ponto de vista, não.
PROF.2	Foi feito o possível, o professor se dedicou bastante.
PROF.3	Quase impossíveis. Na época, a maioria das crianças não tinha como ser contactadas. Usamos os celulares pessoais dos pais e professores.
PROF.4	Não, porque tudo era online e muito rápido as explicações.
PROF.5	Sim! Nós professores tivemos que fazer algumas mudanças onde nós conseguimos estar acompanhando nossos alunos no ensino remoto.
PROF.6	Não respondeu.
PROF.7	Não respondeu.

Pergunta/ Respostas	6. No pós-pandemia, foi feito um acompanhamento dos alunos que tiveram dificuldades no processo de alfabetização durante a pandemia?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Sim.
PROF.5	Sim.
PROF.6	Não respondeu.
PROF.7	Não respondeu.

Pergunta/ Respostas	7. Se a resposta anterior foi sim, com esse trabalho foi possível recuperar as aprendizagens desses alunos e fazê-los avançar no seu processo de alfabetização?
PROF.1	Recuperar 100 % não, mas ajudou.
PROF.2	Nem todos conseguiram, mas o resultado foi bom.
PROF.3	Houve uma boa disponibilização de materiais referentes à alfabetização, porém não houve uma força tarefa para tal, ainda mais porque a grande maioria das crianças estavam no mesmo nível de aprendizagem. O que percebemos foi um nivelamento para baixo do que era esperado para a idade e série das crianças.
PROF.4	De alguns sim, mas a maioria apresentava muitas dificuldades de aprender.
PROF.5	Sim! fizemos algumas revisões para reforçar o conteúdo que já foi estudado, e que o aluno venha acompanhar a turma e evoluir todas as habilidades que será exigida.
PROF.6	Não respondeu
PROF.7	Não respondeu

Elemento 2. Questionário professores de 3º a 5º ano

Categoria 2.1 Dificuldades

Pergunta/ Respostas	1. Durante a pandemia você teve dificuldades no planejamento e desenvolvimento das suas aulas?
PROF.1	Sim.

PROF.2	Sim.
PROF.3	Não.
PROF.4	Não.
Pergunta/ Respostas	9. Se a resposta às perguntas 5 e/ou 6 for “sim”, essas defasagens de aprendizagem desses alunos têm dificultado o seu trabalho no sentido de conseguir cumprir o conteúdo estabelecido para a sua turma? Se sim, o que tem sido feito ou o que você acha que deveria ser feito a respeito?
PROF.1	Sim. Aulas de reforço escolar e atenção para esse estudantes com mais dificuldade.
PROF.2	Sim. Precisamos focar mais em projetos voltados à leitura e escrita.
PROF.3	Sim. Reorganizar ações de incentivo pessoal ao desenvolvimento da aprendizagem.
PROF.4	Não.

Categoria 2.2 Prejuízos

Pergunta/ Respostas	2. Durante a pandemia houve defasagem ou baixa na qualidade da aprendizagem dos alunos?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Sim.
Pergunta/ Respostas	3. É possível que a pandemia possa ter prejudicado os alunos que estavam em fase de alfabetização?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Sim.
Pergunta/ Respostas	4. Falando em pós-pandemia, houve dificuldades por parte dos alunos para readaptação às aulas presenciais?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Não.
PROF.4	Não.
Pergunta/ Respostas	5. Na sua sala de aula há alunos que ainda não estão alfabetizados?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Sim.
Pergunta/ Respostas	6. Na sua sala, há alunos que apesar de estarem alfabetizados, têm dificuldades na compreensão da leitura e na produção escrita?
PROF.1	Sim.

PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Não respondeu.
Pergunta/ Respostas	7. Se a resposta às perguntas anteriores for “sim”, você considera que essas dificuldades sempre existiram?
PROF.1	Sim.
PROF.2	Sim.
PROF.3	Sim.
PROF.4	Não.
Pergunta/ Respostas	10. Atualmente você percebe alguma diferença no desempenho dos alunos se comparado ao dos alunos do mesmo ano, no período anterior à pandemia? Se sim, poderia descrever para nós?
PROF.1	Hoje eles andam mais desmotivados, sem interesse.
PROF.2	Sim. Sinto os estudantes com níveis maiores de dificuldade na aprendizagem.
PROF.3	Não percebo diferença.
PROF.4	Sim. Os alunos são mais capazes de estabelecer e manter vínculos de afetividade com o professor o que, em grande parte das vezes faz a aprendizagem ser significativa e extremamente acelerada.

Categoria 2.3 A recuperação das aprendizagens

Pergunta/ Respostas	8. Se a resposta às perguntas 5 e/ou 6 for “sim”, você acha possível recuperar as aprendizagens desses alunos? Qual trabalho seria necessário para isso?
PROF.1	Mais reforço escolar para dar continuidade ao que se trabalha enquanto regência.
PROF.2	Reforço escolar, estratégias de recuperação e acompanhamento familiar.
PROF.3	Aulas de reforço.
PROF.4	Alfabetização e letramento com consciência fonética e fonológica.

Os dados coletados indicam que a pandemia resultou em um retrocesso significativo no processo de alfabetização das crianças. Os professores relataram que muitos alunos apresentaram dificuldades acentuadas em leitura e escrita, o que pode ser atribuído à interrupção das aulas presenciais e à transição abrupta para o ensino remoto. Segundo os educadores, a falta de interação face a face e a ausência de um ambiente escolar estruturado prejudicaram o desenvolvimento das habilidades de alfabetização.

Segundo Soares (2020), a alfabetização é um processo que requer não apenas a instrução formal, mas também a interação social e o apoio emocional que a escola proporciona. A pandemia, ao limitar essas interações, exacerbou as dificuldades enfrentadas por alunos que já estavam em situação de vulnerabilidade social, resultando em um aumento das desigualdades educacionais.

Outro ponto crítico levantado pelos educadores foi a desigualdade no acesso às tecnologias necessárias para o ensino remoto. Muitos alunos não tinham dispositivos adequados ou acesso à internet, o que os excluiu do processo de aprendizagem durante a pandemia. Essa realidade é corroborada por Melo e Tassoni (2024), que discutem como a falta de recursos tecnológicos impactou negativamente a alfabetização de crianças em contextos socioeconômicos desfavorecidos.

A exclusão digital não apenas comprometeu o processo de aprendizagem, como também provocou um sentimento de desmotivação entre os alunos, que passaram a se sentir excluídos e em desvantagem em relação aos colegas com melhor acesso às tecnologias. A literatura aponta que a inclusão digital é fundamental para a promoção da equidade educacional, e a pandemia evidenciou a urgência de políticas públicas que garantam acesso igualitário às tecnologias.

Diante dos desafios impostos pela pandemia, os educadores relataram a adoção de diversas estratégias para tentar mitigar os impactos na alfabetização. Entre as abordagens mencionadas, destacam-se o uso de plataformas digitais, a criação de grupos de estudo e a realização de atividades lúdicas que estimulam o interesse dos alunos pela leitura e escrita.

Conforme Hoffmann (2006), a utilização de tecnologias educacionais pode ser uma aliada no processo de alfabetização, desde que acompanhada de uma formação adequada para os professores. O investimento de políticas públicas de valorização e formação continuada dos professores é essencial para que eles possam integrar as tecnologias de forma eficaz em suas práticas pedagógicas, promovendo um ensino mais dinâmico e interativo.

A pesquisa também revelou que o envolvimento da família no processo de alfabetização é crucial, especialmente em tempos de pandemia. Os educadores destacaram que muitos pais e responsáveis enfrentaram dificuldades em apoiar os filhos nas atividades escolares, seja por falta de tempo, seja por não possuírem as habilidades necessárias para auxiliar na aprendizagem.

Nóvoa (1997) aponta que, a parceria entre escola e família é fundamental para o sucesso da alfabetização. Portanto, é imprescindível que as escolas desenvolvam estratégias de envolvimento das famílias, oferecendo orientações e recursos que as auxiliem no acompanhamento do aprendizado dos filhos em casa. No entanto, é fundamental considerar as desigualdades socioeconômicas entre as famílias, muitas das quais enfrentam necessidades básicas mais urgentes, como alimentação, moradia e segurança, o que pode limitar sua capacidade de participar efetivamente do processo educativo.

Os resultados da pesquisa indicam a necessidade urgente de políticas públicas e intervenções pedagógicas direcionadas aos alunos que apresentaram dificuldades durante a pandemia. Os educadores sugeriram a implementação de programas de recuperação e reforço escolar, que possam atender às necessidades específicas de cada aluno. Intervenções personalizadas são fundamentais para evitar que as dificuldades de aprendizagem se tornem permanentes. Portanto, é essencial que as escolas desenvolvam planos de ação que contemplem a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos, garantindo que todos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente.

A análise dos dados coletados e a discussão dos impactos da pandemia na alfabetização revelam a complexidade do cenário educacional atual. É evidente que a pandemia trouxe à tona desafios significativos, mas também oportunidades para repensar e reestruturar as práticas pedagógicas e as políticas públicas voltadas para a educação básica.

Recomenda-se que os setores responsáveis pela promoção da qualidade da educação pública adotem uma abordagem integrada, que vá além dos aspectos puramente acadêmicos e considere também as dimensões sociais e emocionais do processo de aprendizagem. Para isso, são fundamentais os investimentos públicos em formação continuada de professores, a ampliação da inclusão digital, o fortalecimento do vínculo com as famílias e a implementação de intervenções pedagógicas específicas. Tais medidas são essenciais para garantir uma alfabetização mais eficaz, equitativa e sensível às realidades dos estudantes.

Além disso, é crucial que as políticas públicas sejam direcionadas para a promoção da equidade educacional, garantindo que todos os alunos tenham acesso aos recursos necessários para seu desenvolvimento. A pandemia pode ter sido um momento de crise, mas também pode ser uma oportunidade para transformar a educação e construir um futuro mais justo e inclusivo para todos os estudantes.

Considerações Finais

A pandemia Covid-19 trouxe enormes desafios para o sistema educacional, impactando de maneira severa o processo de alfabetização, especialmente para alunos em seus primeiros anos escolares. A transição abrupta para a Educação Remota Emergencial (ERE) evidenciou dificuldades, principalmente para aqueles em contextos vulneráveis que não dispunham dos recursos necessários para o acompanhamento adequado das aulas remotas. A falta de interação presencial e o acesso limitado a tecnologias foram obstáculos que contribuíram para um retrocesso significativo nas habilidades de leitura e escrita dos estudantes, essenciais para sua formação e inserção social.

Diante dos desafios impostos pelo ensino remoto durante a pandemia, especialmente no processo de alfabetização e letramento das crianças dos anos iniciais, evidencia-se a urgência de ações concretas e articuladas que envolvam escola, família e poder público. A exclusão digital, as desigualdades estruturais e a ausência de suporte adequado comprometeram o desenvolvimento educacional de muitos alunos, gerando lacunas significativas de aprendizagem e sentimentos de exclusão.

Nesse contexto, torna-se imprescindível que as escolas desenvolvam metodologias adequadas aos diferentes processos de aprendizagem dos alunos, além de estratégias eficazes para envolver as famílias, promovendo orientação e oferecendo recursos que possam apoiar o processo educativo no ambiente doméstico. No entanto, é essencial reconhecer que muitas dessas famílias enfrentam situações de vulnerabilidade social, com prioridades voltadas à garantia de necessidades básicas, como alimentação, moradia e segurança. Assim, políticas educacionais mais inclusivas devem considerar essas desigualdades como ponto de partida, promovendo ações que garantam o direito à educação de forma equitativa e efetiva para todos os estudantes.

Referências

ARDITO, Isabella Biagioni. **Métodos de alfabetização e letramento**. Monografia (Graduação em Pedagogia) Faculdade de Americana. Americana - SP, 2016.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v.34, n.100, p. 29-42, 2020.

HOFFMANN, J. **Alfabetização e Letramento: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

KUNIAVSKY, Mike. **Observing the user experience: a practitioner's guide to user research**. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2003.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Raimunda Alves & TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Desafios de alfabetizadoras no pós-pandemia**. Retratos da Escola, p. 18-40, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores: O que é e o que pode ser**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

PESSOA, Kalinne Martins. **O impacto da pandemia nas práticas de alfabetização e letramento do primeiro ano do ensino fundamental: um estudo de caso**. Orientador: Diego dos Santos Reis. Trabalho de conclusão de curso – Graduação Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2022, 48 p.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. SP: Summus, 1994.

PRAXEDES, Jennifer Guimarães; SANTOS, Cristiane Machado dos; ARAÚJO, Roberta Negrão de. **Práticas de Letramento Pós-Pandemia: Relato de Intervenções.** Anais do III Colóquio de Política e Gestão da Educação - n.3, 2022, p.276-283.

PRZYLEPA, Mariclei. **A educação no Brasil pós-pandemia: o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental no contexto da prática.** IV Colóquio de Política e Gestão da Educação. Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba. Anais do IV Colóquio de Política e Gestão da Educação - n.4, 2023, p.13-20.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
SILVA, Kyara Karolyne Ferreira da. **Alfabetização em tempos de pandemia: Desafios e possibilidades.** Orientadora Maria Irene Miranda. Trabalho de conclusão de curso – Graduação Pedagogia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 2021, 33 p.

SILVA, Maria Jardiane dos Santos. **Impactos no processo de ensino remoto da alfabetização e letramento escolar durante a pandemia Covid-19.** Orientadora: Cinthya Lúcia Martins Torres Saraiva de Melo. Trabalho de conclusão de curso – Graduação em Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru – PB, 2021, 28 p.

SILVA, Rafaela Maria. **Impactos da pandemia na alfabetização: intersecções entre desigualdades sociais e desigualdades educacionais.** Orientador Paulo Henrique. Monografia – Graduação em Pedagogia, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2022, 41 p.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016.
SOARES, Magda. **Alfabetização: Teoria e Prática.** São Paulo: Editora Cortez, 2020.

UNESCO; BRASIL. **Ministério da Educação. Alfabetização como liberdade.** Brasília: UNESCO; MEC, 2003. 72 p.

VYGOSTKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido: 16 de maio de 2025
Aceite: 15 de julho de 2025